

Joana Escoval | Fiducia Incorreggibile

Inauguração: 16 Março, 22 h

17 Março – 29 Abril 2017

Terça a Sexta: 14 – 19 h

Sábado: 10 – 13h, 14 – 19 h

O fogo, o fogo, o fogo: Sobre o trabalho de Joana Escoval

O trabalho da Joana Escoval encontra vários paralelos em diferentes culturas indígenas, como por exemplo na prática dos Índios Navajo da América do Norte. Numa estadia nos EUA a artista viajou até ao New Mexico para conhecer quem ainda deixasse a *spirit trail* nos tapetes Navajo. A *spirit trail* é uma linha muito discreta que as tecelãs deixam normalmente no canto superior direito, interrompendo o desenho do tapete. A linha abre uma espécie de pequena estrada que direcciona para fora, como se deixasse o caminho aberto para o exterior.

As *spirit trails* eram muitas vezes tomadas como erros, mas na realidade são formas de honrar uma tradição passada pelas tecelãs mais velhas, e podem ter várias conotações, algumas práticas outras espirituais. Numa delas, a *spirit trail* é tida como a forma de libertar o objecto de todos os pensamentos que possam ter ocorrido durante o processo de feitura do tapete.

A precisão de cada escultura feita pela Joana Escoval é a de um objecto que é ao mesmo tempo forma e acção, matéria e ausência de matéria. Como se existesse em cada peça uma luta interna que não conseguimos ver. A forma e a acção exercida sobre a matéria surgem lado a lado, sem hierarquia. As obras precisam ter um aspecto final, ou finalizado, mas na verdade elas continuam em mutação. É essa forma que as suas obras ganham corresponde a características não formais que as antecede. Pode parecer confuso mas não é. O uso de um determinado metal como o ouro, a prata, o cobre, ou uma nova liga onde se podem encontrar esses elementos, é determinante para o entendimento do seu trabalho, porque estes metais trazem consigo componentes químicos que se misturam connosco sem que nos apercebamos. Os dados científicos e históricos fazem-nos compreender o desenvolvimentos das moléculas, dos átomos que compoem todos os corpos, todos os objectos, ou seja, toda a matéria. Tal como no resto, o metal é uma matéria em constante mutação e comunicação. Os processos químicos e alquímicos pelos quais as esculturas passam, fazem parte do processo de concepção. Quando a artista decide fundir um determinado metal, transforma uma determinada matéria, deixando-a durante as passagens pelos diferentes estados, absorver e entranhar-se no ambiente à sua volta.

O trabalho da Joana Escoval foge à categorização que tantas vezes se tenta encontrar, ou que por vezes se forja para tentar comunicar e compreender o trabalho produzido por um artista. Estes processos de categorização tem uma herança científica, ou uma lógica de pensamento que vem do Iluminismo, e que tem vindo a moldar o pensamento ocidental, mas que eu prefiro não trazer para aqui

de forma propositada. Não se trata de procurar uma perspectiva historicista na leitura do trabalho mas, como argumentei atrás, importa a fisicalidade da matéria e das propriedades químicas inerentes nas obras, porque essa é uma das formas de entrar no trabalho que apesar de ser bastante concreta e específica – materialista, se quisermos – faz com que não esqueçamos que essa materialidade traz consigo uma noção de tempo que é essencial pensar na obra. A noção de tempo e de escala, e não me refiro ao tamanho das obras, mas da sua escala temporal, fazem das esculturas da Joana Escoval ferramentas para medir o tempo. Ao escapar a essas categorizações excessivas, o trabalho pode ser lido dentro do conceito de imanência, de suspensão de tempo, que é contrária à produção contemporânea e à sua obsessão com a história e a forma de capitalizar obras de arte. Algumas das obras que a Joana produz parecem ter sido feitas há dois séculos atrás, ou então objectos vindos do futuro. Devido à origem da matéria e da forma, as suas obras funcionam muitas vezes como um lugar de passagem, ou remetem para um objecto utilizado num ritual, vestígios de um evento, de algo que está mesmo à nossa frente mas que só conseguimos ver parcilmente porque estamos num tempo diferente do do objecto. Mas o seu trabalho é sobre o presente, e como ele se estende e propaga em nós.

Algumas das peças nesta exposição estiveram no deserto da Islândia e mais tarde utilizadas numa acção levada a cabo na Ilha de Stromboli. A artista abriu um trilho através dos arbustos na montanha vulcânica, criando um caminho que um grupo de pessoas atravessaria pela primeira vez. O grupo usava as esculturas que agiam como condutores de energia entre cada participante e o ambiente. Durante a caminhada o grupo de pessoas encontraria uma conexão entre as peças que cada um carregava e outras colocadas em locais específicos.

O que acontece no trabalho da Joana é que ao utilizarmos as suas obras temos de nos confrontar com nós mesmos, porque nesse processo de redução do material, da matéria, ela obriga a que procuremos a nossa especificidade no momento em que estamos mais próximos de nós e do mundo. Isso deve-se ao facto das suas obras terem uma capacidade de síntese rara nos dias de hoje. Apesar das suas permissas materiais parecerem ao mesmo tempo bastantes circunscritas, especialmente no uso da forma, elas são exactamente o contrário. As suas obras são instrumentos que nos permitem conectar com a dimensão sensível da matéria, sublinhando a nossa singularidade na percepção do mundo, alertando para a necessidade de usar todos os sentidos. As suas obras são dispositivos que nos permitem amplificar o nosso campo sensorial.

“Vejo que nunca te disse como escuto música — apoio de leve a mão na electro-la e a mão vibra espriando ondas pelo corpo todo: assim ouço a electricidade da vibração, substrato último no domínio da realidade, e o mundo treme nas minhas mãos.” É uma citação retirada do livro água viva de Clarice Lispector que a Joana gosta bastante. Na citação vemos como a música está presenteem toda a obra sem que isso seja imediatamente visível, não só pelo facto da artista ter editado eu seus próprios discos com gravações das suas captações de campo. É uma das formas de manifestar a dimensão não-material no seu trabalho. A música é o fogo, o fio do tapete, o cabelo comprido, as mãos e o trabalho do espírito, se quisermos acreditar que a energia que produzimos a toda a hora transita e muda de um lado para o outro, e que os objectos que usamos são ferramentas necessárias para o trabalho imaterial que ao passar pelas mãos se tranforma em algo mais que não apenas matéria.

Pedro Barateiro
Fevereiro 2017

Para mais informações p.f. contactar
Laura Pastor: lp@veracortes.com

Joana Escoval | *Fiducia Incorreggibile*

Opening: 16 March, 10 pm

17 March – 29 April 2017

Tuesday to Friday: 2 – 7 pm

Saturday: 10 am – 1 pm, 2 – 7 pm

The fire, the fire, the fire: on the work of Joana Escoval

The work of Joana Escoval has some parallels with different indigenous cultures, like the practices of the Navajo people in North America. During a trip to the USA, the artist traveled to New Mexico to search for artisans that were still making 'spirit trails' in Navajo tapestry. The 'spirit trail' is a thin line traditionally made by the weavers on the upper right corner of the tapestry, interrupting the drawing. The line opens a sort of small road directed outwards, a way out of the tapestry. The 'spirit trails' were often seen as imperfections, but in fact they are deliberately made to honor a tradition passed down by the older weavers, and can be interpreted in different ways, both practical and spiritual. In one of those traditions, 'spirit trails' are seen as a way to free the object from all thoughts that may have occurred to the weavers during the process of making the tapestry.

The precision of each of the sculptures created by Joana Escoval makes them objects that are simultaneously form and action, material and immaterial. It is as if each one of the pieces is going through an internal struggle we do not have access to. The form and the action exerted by the matter appear side by side, with no hierarchy. The pieces need to have a final form, it is necessary to present them as finished, but they are still changing. And this form that the pieces ultimately take corresponds to the non-formal characteristics that precede them. It may seem confusing, but it is not. The use of certain metals, such as gold, silver, or copper, or a new alloy in which we can find these elements, is essential to the understanding of her work, because these metals have chemical components that blend with ourselves without us noticing it. Scientific and historical data help us to understand the developments of molecules, of the atoms that make up all bodies and objects, all matter. As with other things, metal is in constant mutation and communication. The chemical and alchemical processes these sculptures are subjected to are all part of their creation process. When the artist decides to smelt a certain metal, she transforms a certain matter, and, while it passes through different states, she allows it to absorb and to entrench itself in the environment that surrounds it.

The work of Joana Escoval escapes the categorizations we so often try to find, or even fake, as we attempt to communicate and understand the work of an artist. We owe these processes of categorization to science, or to an idea of reasoning we inherited from the Enlightenment that has since then been shaping Western thought, but that I prefer not to bring it here on purpose. It is not just a question of trying to find an historicist perspective of her work, but, as I have already stated,

it is important to look upon the matter and the chemical properties of the pieces themselves, because this is a way of accessing the work that, although quite concrete and specific — materialistic, if we will — makes it impossible for us to forget that this materiality includes a notion of time that is essential to include in our analysis. The notions of time and scale — and I am not referring to the size of the pieces, but to their temporal scale — transform the sculptures by Joana Escoval's sculptures into tools to measure time. While escaping these excessive categorizations, her work can be understood under the light of the concept of immanence, a suspension of time, which is contrary to contemporary production and to the obsession with history and how to capitalize on works of art. Some of the pieces created by Joana seem to have been made two centuries ago, or objects that come from the future. Because of the materials she uses and the forms she produces, her sculptures are often places of passage, or refer to an object used in a ritual, vestiges of an event, of something that is right in front of us but that we can only partially see, because of a time difference between us and the object. Notwithstanding, her work is about the present, and about the ways it exists and propagates through us.

Some of the pieces in this exhibition were in the Icelandic desert, and were later used in an action that took place in Stromboli. The artist opened a trail through the bushes on the volcanic mountain, creating a path that would be used for the first time by a group of persons. The persons in the group used the sculptures as conductors, channeling energy between them and the environment. As they walked, the participants were supposed to find a link between the pieces they were carrying and other pieces, placed in specific locations throughout the landscape.

When using Joana's pieces, we are forced to confront ourselves, in a process of reducing the materials, the matter, she makes us look for our own specificity in the movement we are closer to ourselves and to the world. This happens because she has a capacity for synthesis that is rare in our days. Although her material premises seem to be quite circumscribed, especially in what concerns the use of form, they are just the opposite. Her pieces are instruments that allow us to amplify our sensorial fields.

"I see that I've never told you how I listen to music — I gently rest my hand on the record player and my hand vibrates, sending waves through my whole body: and so I listen to the electricity of the vibrations, the last substratum of reality's realm, and the world trembles inside my hands." This is a quote from the book *Água Viva*, by Clarice Lispector, who Joana loves very much. Even if this is not clear at a first glance, this quote tells us that music is always present in her work — and the artist has published her own albums with field recordings. It is one way of manifesting the non-material dimension of her work. Music is the fire, the thread of the tapestry, the long hair, the hands and the work of the spirit — this if we want to believe that the energy we produce at every instant is always moving from one place to another, and that the objects we use are tools necessary for the immaterial work that, passing through our hands is transformed into something more than just matter.

Pedro Barateiro
February 2017

For more information, please contact
Laura Pastor: lp@veracortes.com